

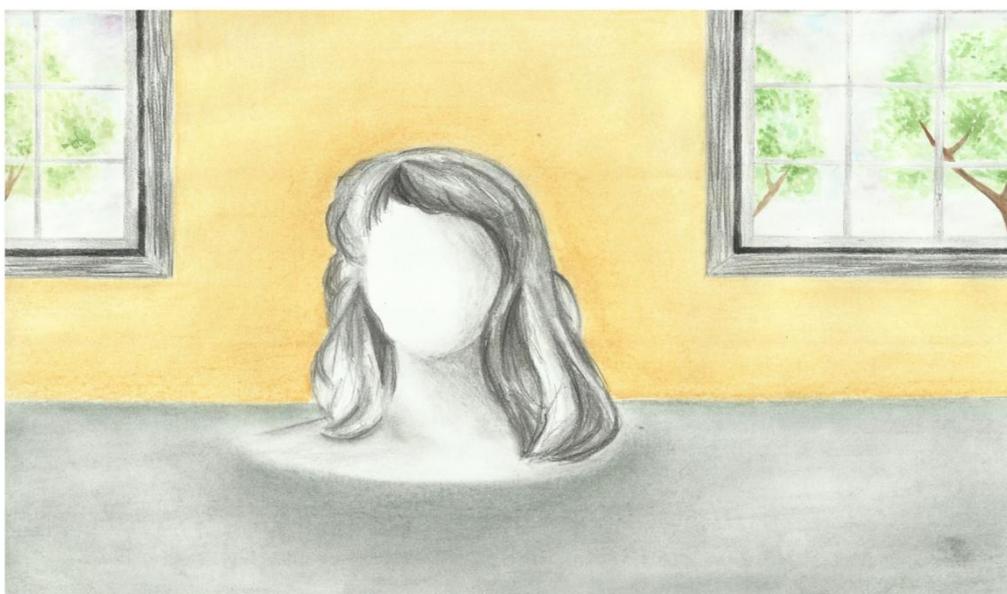


# Spiritus flat ubi vult<sup>1</sup>

À EX.<sup>MA</sup> SR.<sup>A</sup> D. ADELAIDE DE C. ABREU.

Gorriões<sup>2</sup> nos buracos, entrevados,  
calhandras<sup>3</sup> que sonhais sobre as parreiras,  
tende lástima, vós, de meus cuidados.

Júlio Dantas.



Margarida Martins, *Spiritus Flat Ubi Vult*, 2019 • Lápis de grafite, carvão, aguarela, pastel seco • A4

Com o olhar vago, talvez absorto em um sonho indefinido, parecia sorrir, do alto do cavalete...

Era um formoso busto de mulher, um tipo ideal cujas linhas, finamente aristocráticas, aliavam a candidez da Hebe mitológica ao sorriso ativo de Maria Antonieta.

In: Conto "Spiritus Flat Ubi Vult" . In: FRANCO, Carlos Augusto Lyster. *Illuminuras (contos e novellas)*. Faro, 1908.

Com o olhar vago, talvez absorto<sup>4</sup> em um sonho indefinido, parecia sorrir, do alto do cavalete...

<sup>1</sup> Expressão latina que significa "O espírito sopra onde quer". A inspiração divina não procede da vontade humana mas de Deus. São palavras de Cristo (Jo.III,8)

<sup>2</sup> Pardais

<sup>3</sup> Pássaros pequenos

Conto "Spiritus Flat Ubi Vult" in FRANCO, Carlos Augusto Lyster *Illuminuras (contos e novellas)* Faro.1908

Era um formoso busto de mulher, um tipo ideal cujas linhas, finamente aristocráticas, aliavam a candidez da Hebe<sup>5</sup> mitológica ao sorriso altivo de Maria Antonieta<sup>6</sup>.

Quando o descobria, livrando-o dos panos húmidos que o resguardavam, parecia-me que, só para iluminá-lo, se tornava mais intensa a luz do sol...

Inspirando-me no célebre Escravo<sup>7</sup>, de Miguel Ângelo, dera, também, àquele meu estudo uma suave inclinação na linha predominante da cabeça.

Somente, nisto, imitara o grande Mestre florentino.

A expressão sentira-a eu; era toda feita de farrapos do meu sonho... daquele sonho doirado da mocidade descuidosa<sup>8</sup> que, anos volvidos, evoca, muito no íntimo, entre os aspetos vistos outrora, o deslumbrante re florir das velhas árvores a cuja sombra fresca nos quedamos na ingénua contemplação da fulgência<sup>9</sup> dos malmequeres em flor ou na alacridade<sup>10</sup> rubra das papoilas, sangrando por entre a ondulação inconstante das vastas searas loiras...

Era a materialização de um grande sonho ideal, semelhante aos que, crepitando no cérebro dos antigos Egípcios, os impulsionaram a esculpir, na rigidez forte e granítica das rochas dos seus desertos, a forma simbolicamente hierática<sup>11</sup> dos seus deuses misteriosos e que, séculos decorridos, re florindo na ardente imaginação dos Gregos, fulgurou na beleza escultural das estátuas de Diana<sup>12</sup>, de Apolo<sup>13</sup> e de Dionísio<sup>14</sup>, resplandecendo nesse sonho maravilhoso que, numa completa apoteose à suprema graça, criou aquele divino poema de voluptuosidade chamado Vénus de Milo!

Era, talvez — Quem sabe? — a ressonância longínqua das vibrações que levaram Donatello<sup>15</sup>, o grande escultor do misticismo, a modelar a sua adorável «Santa Cecília»<sup>16</sup>, — linda flor de candura de cujo sublime perfil parece desprender-se um eterno e suavíssimo perfume !

Quase sonhando o começara, sonhando, provavelmente, o acabaria.

Era para mim um inapreciável prazer trabalhar naquele estudo.

---

<sup>4</sup> Concentrado, pensativo

<sup>5</sup> Deusa grega da juventude

<sup>6</sup> Rainha francesa, mulher de Luís XVI

<sup>7</sup> Escultura de Miguel Ângelo exposta no Museu do Louvre

<sup>8</sup> O mesmo que descuidada

<sup>9</sup> Fulgor, brilho

<sup>10</sup> Vivacidade alegre

<sup>11</sup> Diz-se de uma escrita de que se serviam os sacerdotes egípcios, como abreviatura dos hieróglifos

<sup>12</sup> Deusa romana da lua e da caça

<sup>13</sup> Deus grego

<sup>14</sup> Deus grego

<sup>15</sup> Escultor renascentista italiano

<sup>16</sup> Escultura de Donatello

Sempre que, pouco a pouco, ia procurando afeiçoá-lo à forma ideal que, com uma auréola esplêndida, vivia em meu pensamento, experimentava uma deliciosa embriaguez espiritual.

Por vezes — doce ilusão! — julguei adivinhar agradabilíssima à fria insensibilidade do barro a amorosa pressão dos meus dedos ...

Era um formoso busto de mulher...

Perfeitíssima — de uma pureza circassiana<sup>17</sup> — a oval do rosto...

As pálpebras veludas<sup>18</sup> e meigas desciam a ocultar uns olhos semicerrados, como os da Ariana<sup>19</sup> adormecida, e nos lábios finos brincava um sorriso delicioso que fazia divagar o espírito pelos floridos rosais da Chimera<sup>20</sup> num giro voltívolo<sup>21</sup> de falenas<sup>22</sup> doidas...

Do cabelo, estavam apenas indicados os principais planos. Mais duas sessões e ficaria pronto.

E, todavia, eu antegozava já as delícias de modelar com os téques<sup>23</sup> recurvos, cor de ouro, a lembrarem os mitológicos bilros<sup>24</sup> da filha de Minos<sup>25</sup>, as madeixas fulvas<sup>26</sup> e ondulosas<sup>27</sup> da Carmen<sup>28</sup> o meu modelo favorito — uma loira de lindo corpo de marfim e seios alabastrinos<sup>29</sup> verticilando-se<sup>30</sup> em dois pequeninos morangos talhados em flor de coral...

O meu trabalho, porém, excedia em perfeição a formosura de Carmen...

É que, para obter aquele impressionante conjunto, eu procurara reunir, no meu estudo, todos os primores que, em diversos tipos de mulher, me tinham encantado.

A boca fina e aristocrática — igual em pureza às lindas bocas das mais gentis castelãs de outras eras, que agradeciam com sorrisos, em noites de luar, as sentidas trovas dos

---

<sup>17</sup> Relativo à região do Cáucaso ou aos seus habitantes

<sup>18</sup> Macias como o veludo

<sup>19</sup> Na mitologia grega, é a princesa de Creta

<sup>20</sup> Figura mística caracterizada por uma aparência híbrida de dois ou mais animais e a capacidade de lançar fogo pelas narinas.

<sup>21</sup> Que dá muitas voltas, inconstante

<sup>22</sup> Borboletas noturnas.

<sup>23</sup> Instrumento próprio para trabalhar o barro

<sup>24</sup> Utensílio semelhante a um pequeno fuso com o qual se fazem rendas ou obras de cabelo

<sup>25</sup> Rei semi-deus de Creta

<sup>26</sup> Ruivas

<sup>27</sup> Que forma ondulações, ondeante

<sup>28</sup> Figura principal da última ópera de Bizet.

<sup>29</sup> Alvos, brancos

<sup>30</sup> Transformando-se em verticilo: conjunto de folhas, de flores ou de peças florais que, situado no mesmo plano horizontal, parte de um eixo sustentador comum

menestréis<sup>31</sup> — fizera-a invocando os lábios papoilados<sup>32</sup> de Maria que ocultam uns dentes da brancura lânguida dos lírios e parecem prometer beijos dulcíssimos...

O nariz, um tanto sensual, de cartilagens<sup>33</sup> um quase nada dilatadas, trémulas, como se aspirassem um vago perfume de volúpia<sup>34</sup>, modelara-o recordando-me de Isabel...

Os olhos, languidamente<sup>35</sup> velados<sup>36</sup>, naquela suave flacidez<sup>37</sup> de um sonho dulcíssimo, esses copiara-os de uma linda Morta que vira sepultar, num entardecer de outono, quando pelas árvores chilreavam alegres os passarinhos e, ao longe, tilintavam dolentes<sup>38</sup>, os sinos de uma ermida...

O pescoço e o busto em que assentariam primorosamente as jóias mais raras, tinha-os copiado de Matilde cujo colo, de uma elegância de cisne, deslumbrava pela enritmia<sup>39</sup> das linhas clássicas

E, assim, resultara aquele delicioso busto de mulher que bem poderia dizer-se a síntese<sup>40</sup> estilizada de todos os meus ideais...

Trabalhei-o sempre com amor, um amor acrisolado<sup>41</sup> e puro, um amor ardente em que se confundiam, em desejos tateantes, impulsos espirituais e materiais...

Da frescura do barro parecia desprender-se um estonteante perfume, uma poderosa emanção<sup>42</sup> de desejo, impressionante e vaga que me fazia estar satisfeito com o meu trabalho, obrigando-me a pensar... a pensar muito e a ter, ora vontade de concluí-lo, ora de não terminar o predileto<sup>43</sup> busto, prolongando assim, aquele, prazer incomparável de acariciar nele todas as belezas já acariciadas...

Era bem o mito dos meus sonhos transportado para o barro frio e que o calor febril dos meus dedos, nas carícias da modelação, tornara ardente, palpitante, cheio de vida, sob aquela aparência tranquila de um descansado sonhar...

Trabalhei muito, muito!

---

<sup>31</sup> Poetas medievais, cantor, músico ambulante

<sup>32</sup> Semelhantes a papoilas, vermelhos

<sup>33</sup> Tecido muscular, flexível e duro

<sup>34</sup> Sensualidade

<sup>35</sup> De um modo voluptuoso

<sup>36</sup> Ocultos, encobertos

<sup>37</sup> Relaxamento

<sup>38</sup> Lancinantes, pungentes, doídos

<sup>39</sup> Ritmo

<sup>40</sup> Resumo

<sup>41</sup> Purificado no crisol (cadinho em que se fundem ou purificam os metais preciosos), intenso

<sup>42</sup> Exalação,

<sup>43</sup> Preferido

Tinha-o quase [concluído], quando a minha noiva — saudosa Flor Mulher, na aurora da existência - doente havia muito, piorou e ... morreu ...

Entregue à dor imensa de ver fugir-me aquele luminoso espírito, não apareci, durante muitos dias no atelier e esqueci o meu estudo.

Cruciantemente<sup>44</sup> dolorida, a minha alma aspirava a doce melancolia das paisagens esfumadas pela luz vespertina<sup>45</sup>, após a agonia das cores...

Repugnava-me a rigidez extática dos mármore... Pareciam-me espetros<sup>46</sup> as esculturas...

Só no fim de algum tempo, nas brumas da minha memória acordou, vaga como uma lembrança de sonho, a recordação do airoso busto...

Resolvi voltar ao atelier, adormecendo assim uma certa nostalgia<sup>47</sup> que me dominava

Entardecia.

Pelos longos vidros da janela ampla, revestidos, àquela hora, de colorações de vitrais, morriam, em faixas esplendorosas, os últimos revérberos<sup>48</sup> de um poente magnífico.

No ar ondeavam subtilíssimos perfumes e, uma claridade dúbia rodeava as estátuas, começando a envolvê-las numa penumbra indecisa, propícia a movimentos rítmicos...

Assim que entrei, corri para o meu trabalho, começando a tirar-lhe os panos que o encobriam, agora secos e hirtos<sup>49</sup> quais folhas mortas...

Dominou-me, naquele momento, uma comoção profundíssima... Alanceou-me<sup>50</sup> uma der intensa, só compreensível para os que experimentaram já quanto é acerbo passar, bruscamente, do sonho á realidade...

Que tristeza!

Pela acção do calor, o barro gretara e, qual cadáver que, gradualmente tivesse apodrecido, numa vaga semelhança de carne flácida em desagregação, assim caía, aos bocados, o meu adorável busto...

Quando lhe tirei os últimos panos, tombaram, também, com um ruído surdo, os derradeiros pedaços! ...

---

<sup>44</sup> De forma pungente, lancinante

<sup>45</sup> Da tarde

<sup>46</sup> Fantasmas

<sup>47</sup> Tristeza, melancolia

<sup>48</sup> Reflexos luminosos

<sup>49</sup> Erectos, direitos, imóveis

<sup>50</sup> Feriu-me com lança

Pareceu-me, então, que o sol, quase a esconder-se, tinha uma luz entranha e lúgubre<sup>51</sup>, qual lampadário<sup>52</sup> de jazigo, bruxuleando<sup>53</sup> nas crises da extinção...

E, foi assim, à claridade dos finais revérberos do poente, naquele resplendor moribundo do entardecer que eu vi desfazer-se o mito dos meus sonhos cor-de-rosa e oiro!...

Foi assim que vi cair, em pedaços informes de argila ressequida, o adorável busto daquela Mulher ideal que, voluptuosa e meiga, parecia sorrir, do alto do cavalete! ...



---

<sup>51</sup> Triste, fúnebre, relativo a luto

<sup>52</sup> Candeeiro

<sup>53</sup> Estremecendo tremeluzindo